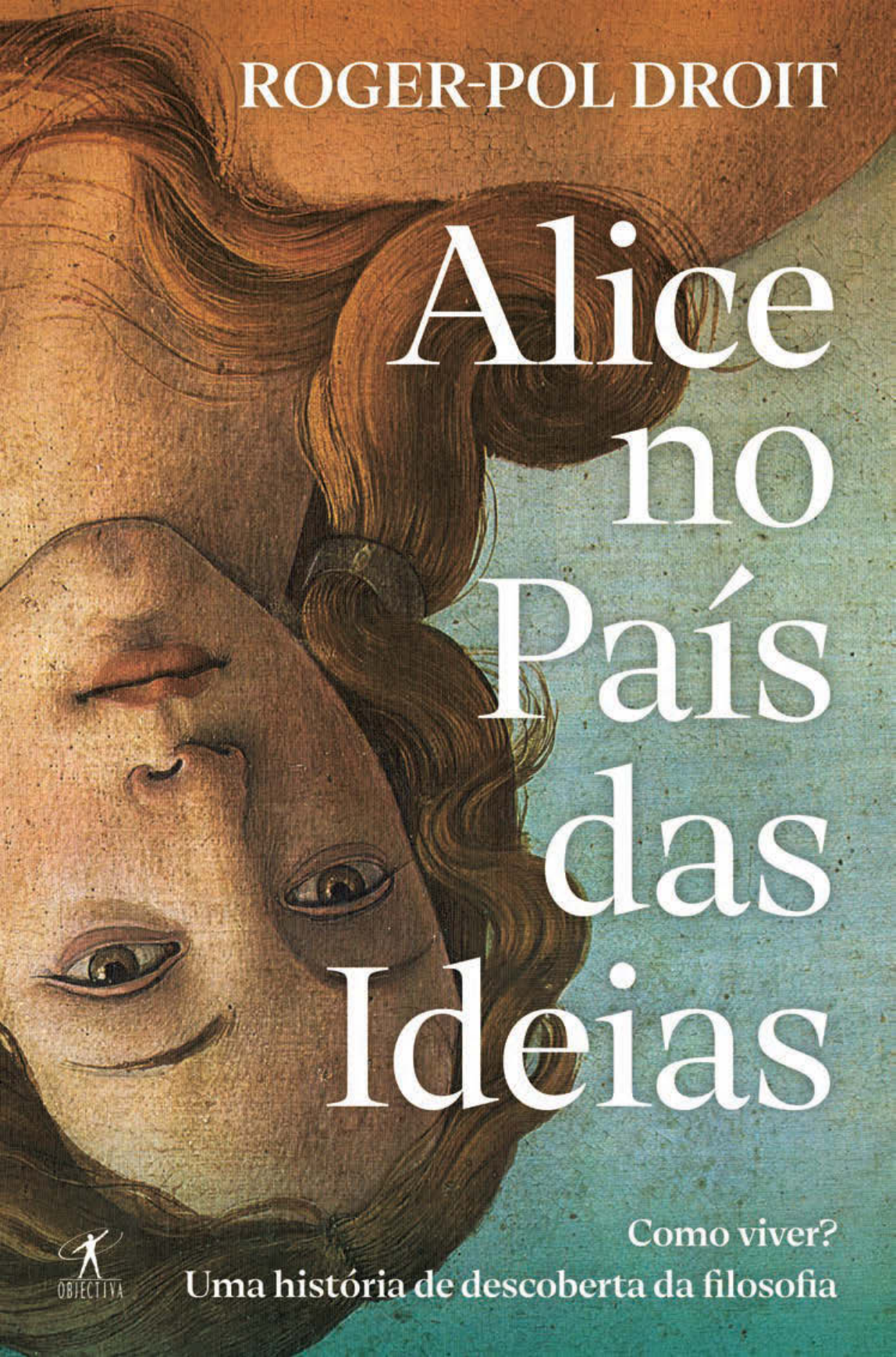




ROGER-POL DROIT

Alice no País das Ideias

Como viver?

Uma história de descoberta da filosofia



Índice

PRÓLOGO	Onde se aprende como tudo começou	13
1	Onde Alice muda de país e conversa com dois ratos	15
2	Onde vemos surgir um canguru com uma sacola cheia de fichas	21
3	Onde se apresenta uma fada corpulenta	27
	<i>Diário da Alice</i>	29
PRIMEIRA PARTE	Onde Alice descobre os primeiros filósofos gregos e a maneira de examinarem as ideias	31
4	A Fada Objeção toma a palavra	33
5	No mercado com Sócrates	34
6	Sócrates no tribunal	48
7	Na caverna de Platão	53
8	Alice aprende a viajar bem	64
	<i>Diário da Alice</i>	71
9	A lição de Aristóteles	72
	<i>Diário da Alice</i>	83
10	Alice encontra a Rainha Branca	85

SEGUNDA PARTE Onde Alice explora as escolas de sabedoria
da Antiguidade para aprender como viver 91

11	Diógenes vive na rua	93
	<i>Diário da Alice</i>	101
12	A calma de Epicuro	103
	<i>Diário da Alice</i>	111
13	Com Marco Aurélio, filósofo e imperador	112
	<i>Diário da Alice</i>	128
14	A Rotunda da Rainha Branca	129

TERCEIRA PARTE Onde Alice constata que os Gregos não têm
o monopólio das ideias 137

15	No deserto com os Hebreus	139
	<i>Diário da Alice</i>	153
16	Na Índia, nas margens do Ganges	155
	<i>Diário da Alice</i>	169
17	Doutor Buda	171
	<i>Diário da Alice</i>	185
18	Na China com Confúcio e Lao Tzu	186
	<i>Diário da Alice</i>	198
19	A raiva de Alice no palácio da Rainha Branca	200
	<i>Diário da Alice</i>	207

QUARTA PARTE Onde Alice fica a saber o que muda na história
quando a ideia de Deus é dominante 209

20	No vaivém temporal	211
21	Assassinato de uma mulher filósofa, Hipátia, em 415 d. C.	215
	<i>Diário da Alice</i>	220

22	Da fé ao fanatismo, por que caminhos?	222
	<i>Diário da Alice</i>	234
23	No Islão das Luzes. Avicena, em Bucara, no ano 1000	235
	<i>Diário da Alice</i>	240

QUINTA PARTE Onde Alice percebe como nasceram as ideias dos Modernos 241

24	Lição de humanismo na «biblioteca» de Montaigne, junho de 1585	243
	<i>Diário da Alice</i>	250
25	Lição de realismo político com Maquiavel, dezembro de 1513	252
	<i>Diário da Alice</i>	260
26	As ciências triunfam e as técnicas avançam	261
	<i>Diário da Alice</i>	265
27	Visita-relâmpago a Descartes, primavera de 1638	266
	<i>Diário da Alice</i>	275
28	No ateliê de Espinosa, em Rijnsburg, primavera de 1662 ...	276
	<i>Diário da Alice</i>	285

SEXTA PARTE Onde Alice se diverte e vê brilhar as Luzes 287

29	A igualdade das mulheres em Louise Dupin. Chenonceau, primavera de 1746	289
	<i>Diário da Alice</i>	295
30	Uma conversa com Voltaire	296
	<i>Diário da Alice</i>	299
31	Uma dança com Rousseau	300
	<i>Diário da Alice</i>	304
32	Regresso ao vaivém	306

33	Um almoço em casa de Kant. Königsberg, 1790	310
	<i>Diário da Alice</i>	317
34	Regresso à Rotunda, fim à vista	318
SÉTIMA PARTE Onde Alice percebe pouco a pouco as razões pelas quais a nossa época e as revoluções entusiasmam e assustam em simultâneo		
		321
35	Última aula de Hegel em Berlim, 1831	323
	<i>Diário da Alice</i>	330
36	Chá com Marx no British Museum. Londres, 1858	331
	<i>Diário da Alice</i>	340
37	Passeio com Nietzsche em Sils-Maria, verão de 1887	341
	<i>Diário da Alice</i>	350
38	Entrevista no gabinete de Freud. Viena, 1910	351
	<i>Diário da Alice</i>	357
39	Nazismo, comunismo e outros «ismos»	359
40	Para onde foram os sábios?	367
EPÍLOGO Onde Alice encontra finalmente respostas para a pergunta «Como viver?», mas não terminam as surpresas		
		373
DIÁRIO DO AUTOR		
		377
	<i>Diário da Alice</i>	387
AGRADECIMENTOS		
		389

*Para Leónia, para Arno, meus netos,
quando puderem viajar com Alice.*

PRÓLOGO

Onde se aprende
como tudo começou

Onde Alice muda de país e conversa com dois ratos

Naquela manhã, Alice está sozinha em casa. Tenta terminar, a custo, o texto expositivo. Gosta muito de composições. Descrever uma viagem, um aniversário, um encontro; há muito que esse exercício lhe agrada. Mas e agora, como organizar-se? É a primeira vez que tem de estruturar um texto argumentativo, pesar os prós e os contras, sustentar ideias. Não sabe como haverá de o fazer.

Mom foi às compras, não está ninguém em casa a tomar conta dela, pelo que Alice matuta, segue com os olhos um raio de sol, um pássaro na relva, observa a sua gatinha *Dina*, que dorme no canapé. *É tão tranquila!*, pensa Alice. *Até parece que vive noutro mundo, sem preocupações, onde não há guerra, angústia, perguntas.*

Alice, essa, há algum tempo que é cada vez mais assaltada por dúvidas e inquietudes. Questiona-se incessantemente sobre o futuro do planeta, a sobrevivência da humanidade. Porque é que os humanos estão em guerra? Porque destroem eles a Terra, os animais, a vida? Que fazer para acabar com esta carnificina? Como viver, sendo todos diferentes, sem devastar o mundo? Será possível? Onde encontrar o caminho?

E que irei eu fazer da minha existência?, pergunta-se. *Que trabalho, que vida, que amores, que futuro? E com que bússola?* Há momentos em que uma energia transbordante a anima, a deixa capaz de devorar tudo. Naquela manhã, como acontece muitas vezes, essa confiança eclipsou-se, invade-a uma sensação de desânimo. Alice sente-se perdida, procura referências para agir.

O sonho dessa noite persegue-a obsessivamente. Um daqueles sonhos que dão a incrível impressão de ser reais. Ouve o avô.

O idoso, no sonho, estende-lhe a mão, murmurando: «Vem, vou mostrar-te caminhos que te podem ajudar.»

Lembra-se de que ele falou durante muito tempo.

Contou-lhe, rememora Alice, que os humanos refletem há milhares de anos sobre as questões que a inquietam, que não deve crer que o mundo está em perigo fatal e sem soluções. Mais vale ir descobrir o que disseram os filósofos e os sábios, ao longo dos séculos, no mundo inteiro, comparar as suas ideias, procurar as que são úteis para descobrir como pensar e como viver.

Preveniu-a de que a viagem seria longa, que por vezes se extravariaria, mas que se trata da única via possível para avançar. *Posso confiar nele, adoro-o. Mas não compreendo aonde me quer levar.*

Eis que acordei.

Alice diz de si para si que foi apenas um sonho. Decididamente, aquele texto aborrece-a. Não está nos seus dias. Mais vale ir até ao jardim apanhar ar, com o magnífico *smartphone* que Mom lhe ofereceu na semana passada pelo aniversário. Nessa manhã, acordou Alice, gritando que nem uma doida: «Hoje, minha filha, já não és uma criança! Continuas a ter os mesmos cabelos loiros, os mesmos olhos cor de âmbar, o mesmo ar pensativo, mas deixaste de ser uma criança! Já te apercebeste?»

Não, Alice não se apercebe. Por mais que olhe para os pés, as mãos, os joelhos, tudo está como sempre. Em pequena, imaginava que no dia D tudo iria mudar. Tornar-se-ia uma pessoa muito diferente, muito maior. Mas nada aconteceu. Todos os anos, recebia presentes, havia um bolo e mimos. Toda a gente lhe repetia que estava a crescer, mas ela continuava com a mesma cara e os mesmos pensamentos. Passado um tempo, já só contava como certos as prendas, o bolo e os mimos. A grande transformação no dia do seu aniversário era uma ilusão.

Além disso, de que serve tornarmo-nos adultos, pergunta-se Alice? Os adultos têm tendência para estragar tudo. Basta olhar para o clima, para a vida dos animais, para a água dos oceanos. Ainda por cima, não fazem o que dizem. Proclamam que é essencial mudar a forma como vivemos, e tudo continua como dantes. Alice

faz o seu melhor, não deixa a água do duche a correr, separa o lixo, anda de bicicleta, pede à mãe para evitar embalagens... Mas sabe que isso não é suficiente. Convenceu-se, assim como todos os seus amigos, de que a catástrofe está a caminho. É avassalador.

Por momentos, afasta as inquietações, põe os auscultadores e dança, agitando o cabelo. No fundo, gostaria de voltar a ser criança e procurar de novo o Coelho Branco debaixo da sebe, como a outra Alice, a de Lewis Carroll, que se encontra no *País das Maravilhas* e viaja *No Outro Lado do Espelho*. Mom adora essas histórias, lia-lhas todas as noites. Alice chama-se assim por causa dessa paixão.

Em criança, adorava o Coelho que estava sempre atrasado, que olhava para o relógio, a menina que o queria apanhar, que cai na sua toca e vive estranhos encontros. A mãe repetia-lhe: «Tu és a minha Alice das maravilhas.» Muitas vezes, por brincadeira, iam ver debaixo da sebe se havia uma toca. Alice ficava na expectativa, mas sem acreditar muito nisso.

É assim que nessa manhã tem a ideia de ir ver, como antigamente, o que terá acontecido à famosa toca ao fundo do jardim. Sabe bem que não existe, já lá vai o tempo em que tinha oito anos. Mas nada a impede de ir lá ver.

É evidente que nenhum coelho está a contemplar o relógio sob a sebe. No entanto, há uma toca que Alice nunca tinha visto. Uma toca de verdade. Imensa, uma enorme abertura, «para um coelho gigante»!, exclama Alice em voz alta. De repente, ei-la atraída, arrastada, sugada, incapaz de resistir, levada por um sopro silencioso e muito poderoso.

A sua queda é suave e lenta. Tal qual a da outra Alice, no ar quente e na escuridão total. Uma sensação estranha, mas não desagradável, quando nos habituamos a ela.

Que excelente ideia a de vir aqui ver, pensa Alice. Ao longo da queda — e que longa é! —, deita-se de costas, faz a prancha como na piscina, muda de posição. Pega no *smartphone* novinho em folha, cuja luz de repente fende a escuridão total. Não há forma de se ligar, não tem rede!

Alice não tem outra hipótese senão pensar. Não acredita no País das Maravilhas. Animais que falam, biscoitos que neles têm

escrito «come-me», mudanças de tamanho para maior, para mais pequeno, já nada disso a diverte.

Naquele túnel onde não tem rede, começa a achar o tempo longo. Concentra-se na tatuagem com que anda a fantasiar. Tornou-se uma obsessão. Não se trata nem de um unicórnio, nem de uma borboleta, nem de uma flor de lótus; isso não faz o seu estilo. Não. Alice sonha com uma frase para transcrever na parte interna do braço direito. Palavras que a acompanharão para sempre. «A» frase que poderá ajudá-la a viver, a atravessar os cataclismos que a ameaçam. A frase que não a deixará nunca, que lhe mostrará o rumo a seguir e adquirirá um novo sentido a cada etapa. Uma frase-bússola, jangada, proteção. Mas também horizonte, desafio, aguilhão. Tudo isso. Eis o que pretende. Uma ideia que a console nos dias cinzentos, lhe ilumine a noite, a lance rumo às estrelas, que a repreenda e a perdoe, que seja sua amiga, exigente, sempre presente, vá ela aonde for, faça ela o que fizer.

Mas onde encontrar uma frase assim?, pergunta-se Alice, ainda em queda, mergulhando cada vez mais fundo, rumo ao centro da Terra. *Tenho a certeza de que existe, mas onde a poderei procurar?*

De repente, aterra, suavemente, numa macia cama de folhas caídas. Alice constata que saiu da penumbra. A luz é amena, como um nevoeiro dourado. Onde estará ela?

— Bem-vinda! — diz uma voz muito aguda.

— Bem-vinda! — repete uma vozinha semelhante.

Alice não vê quem lhe fala.

— Muito obrigada — responde amavelmente. — Com quem tenho a honra de estar a falar?

Lembra-se de que, no País das Maravilhas, existem rainhas capazes de crises de raiva assustadoras. Faz de tudo para ser respeitosa; nunca se sabe.

— Ei! Estamos aqui aos teus pés!

Alice procura e não vê nada, esforça-se, insiste... e acaba por discernir, entre os sapatos, duas silhuetas que gesticulam. Dois microscópicos ratos cor-de-rosa. Absurdo, pensa ela.

— Ah — exclama Alice —, já vos vejo! Quem são vocês?

— Quem somos nós? Os teus ratos! — replicam em coro as vizinhas, como se Alice lhes tivesse feito uma pergunta idiota.

— Chamam-me Rato Louco, mas é possível que seja o mais sábio — diz a voz mais aguda.

— Chamam-me Rato Sábio, mas é possível que seja o mais louco — anuncia a outra voz.

Desatam logo a cantar, ao som de uma música que Alice já ouvira algures: «Somos dois irmãos gémeos, nascidos sob o signo de Gémeos; mi, fá, sol, lá, mi, ré; ré, mi, fá, sol, sol, sol, ré, dó...»

Alice, espantada, pensa na sua gata *Dina*, que ficaria muito zangada se soubesse que ela estava a ouvir ratos cantores.

— Onde é que estamos? Digam-me! — pede de novo.

Em resposta, ouve uma gargalhada. Supõe tratar-se de uma gargalhada, porque nunca ouviu rir minúsculos ratos cor-de-rosa, muito menos em unísono.

— Onde é que estamos? Ora, AQUI! Onde querias que estivéssemos? — responde o Sábio.

— Não podemos estar noutro lugar que não AQUI! Além disso, não podemos estar alhures! — diz o Louco.

Alice começa a impacientar-se.

— Bem sei que estamos aqui! Estou pura e simplesmente a pedir-vos que me digam que lugar é este, o que é que se está a passar, a que tipo de sítio acabei eu de chegar... Não é complicado!

— Mas, grande menina, é complicado sabermos onde estamos — responde um.

— Compreendermos onde estamos nunca é simples — diz o outro.

— Estamos... no País das Ideias! No País das Ideias! No País das Ideias! — exclamam os ratinhos, saltitando em volta dos sapatos de Alice.

— E o que é que acontece neste país?

A pergunta de Alice deixa os ratinhos mudos. Por instantes, permanecem petrificados. Nem um gesto, nem uma palavra.

— Desculpa — replica o Rato Sábio, quebrando o silêncio —, mas a tua pergunta, menina, deixou-me perplexo! Porque, como

sabes, TUDO acontece no País das Ideias. Por exemplo, se amas alguém, amas por causa da ideia que faz dessa pessoa. Se desejas ser feliz, tal acontece por causa da ideia que fazes da felicidade. Se não queres viver numa casa assombrada, deve-o à ideia que fazes dos fantasmas. Se temes que a Terra se torne inabitável, é por causa da ideia que fazes do futuro... Tudo aquilo de que gostas, não gostas, detestas, tudo o que já sabes e o que ainda tens para aprender, TUDO está ligado às ideias que se encontram na tua cabeça, às ideias de outros que descobres nos livros, nos jornais, nas conversas...

— É curioso — prossegue Alice —, nunca tinha pensado que as ideias fossem tão importantes... Aprendi que as havia boas, más, verdadeiras, falsas, mas, no fundo, não sabia do que se tratava ao certo. Ouvi falar de ideias para presentes, de ideias feitas, das ideias infantis e das dos adultos, ideias para receitas, ideias para saídas, uma ideia para um penteado, ideias para férias. Brinquei às adivinhas e, quando não fazia ideia da resposta, devia dar a língua ao...¹

In extremis, Alice recorda-se de que está a falar com ratinhos!

Os Ratos olham-na com um sorriso, entre o jocoso e o apiedado. O Rato Sábio toma a palavra.

— Sabes mais do que pensas, mas não reletes o suficiente. Quando sonhas em ser livre, és capaz de o fazer graças à ideia que tens da liberdade. Desde pequena, sempre que gritas «Não é justo!»... já o fizeste mil vezes e farás ainda mais... deve-lo a uma ideia de justiça. Quando pensas no teu futuro, no que vais fazer da tua vida mais tarde, em adulta, é também por causa da ideia de tempo, da ideia de futuro, da ideia de previsão que tens. Tens muitas ideias, e elas guiam a tua vida. Tens de saber que elas existem e deves examiná-las. Todas se encontram aqui, neste país.

¹ «*Donner la langue au chat*» é uma expressão idiomática cuja tradução selvagem seria «dar a língua ao gato». É utilizada quando não se sabe a resposta a uma adivinha e se deve confessar ignorância. (N. da T.)

Onde vemos surgir um canguru com uma sacola cheia de fichas

O Rato Louco rodopia com um ar entusiasmado.

— Atenção! — diz ele. — Não nos podemos esquecer de que muitas ideias de coisas que *não existem* também são úteis! Alimentas a ideia da liberdade para todos os seres vivos, enquanto, na realidade, há animais que vivem acorrentados e ainda há humanos a viver em escravatura. Tens a ideia da igualdade entre mulheres e homens e, na verdade, uma enorme quantidade de mulheres é mantida em situação de inferioridade. Eu, o Rato Louco, tenho a ideia de um mundo em que a violência terá desaparecido, assim como as guerras e a infelicidade, a fome e a pobreza. Sei bem que isso, por enquanto, não existe, mas a ideia anima-me e permite-me agir.

E o Rato Louco põe-se a dançar, cantando:

— Amo aquele que sonha com o impossível.

— Eis uma bela frase! — murmura Alice. — Preciso de a guardar... Vou acrescentá-la à lista no meu *smartphone* das frases que me interessam, para a minha tatuagem...

— Se me é permitido, essa é de Goethe, da segunda parte do *Fausto*, Ato II, cena intitulada «O Peneu inferior» — murmura atrás de si uma voz grave e terna, que ela não conhece.

Alice volta-se.

O recém-chegado tem uma pelagem bege, olhos doces e traz uma grande sacola, na qual guarda as suas fichas. Verdadeiras fichas de aula, como as que Alice escreve para se preparar para os testes. É igualzinho a um canguru.

— Quem é o senhor?

— Não se percebe? Chamo-me Izgourpa, mas toda a gente me trata por Canguru. Tenho a meu cargo todo o tipo de referências. Citações, autores, datas, livros, línguas, traduções, mas também resumos, enunciados, contextos, explicações... Tenho tudo à minha disposição, noite e dia, mesmo sem necessidade de pedir.

— Isso é muito útil — lança Alice com precaução, para ser gentil. — Mas como podem contribuir todas essas referências para o nosso futuro? A Terra está a arder, o clima está a ficar fora de controlo e... ninguém faz nada! Não vejo que ideia nos poderá tirar desta situação.

— É aí que te enganas! — replica o Rato Sábio. — É um grande erro esquecer que as ideias existem e que é indispensável examiná-las, pô-las à prova, confrontá-las umas com as outras. É a única maneira de descobrir como viver. Para isso, temos de te levar a visitar o País. Contém as ideias de todos os livros, de todos os pensadores, de todas as épocas, de todas as civilizações, de todas as tradições. Estas ideias são preservadas, controladas, mantidas e reparadas por especialistas. Chamamos-lhes filósofos. Eles são os artesãos das ideias. Sabem como mantê-las em funcionamento, como testá-las, compará-las. Por vezes, até lhes acontece inventarem novas ideias. Não as irás conhecer a todas, precisarias de várias vidas.

— Encontrarei maneira de nos salvar?

— Só tu o poderás saber. A nossa missão é conduzir-te ao essencial, fazer-te descobrir a diversidade das ideias, o seu poder e a sua utilidade.

Alice volta a pensar no avô. Sabe que ele passou a vida na companhia dos filósofos. Não a surpreenderia se se tivesse tornado, mais ou menos, um deles. Mas o Canguru não o menciona. Quando ela o interroga, responde sempre que compreenderá mais tarde, que é preciso que espere um pouco. Agora que ela se encontra no País das Ideias, quer libertar-se das dúvidas. Quer descobrir a filosofia, os jogos com as ideias, sejam eles divertidos ou sérios. Mas porque não fazê-lo sozinha?

— Por que razão vêm comigo?

— Já no-lo perguntaste e já te respondemos: somos os teus ratos.

— Porquê os *meus* ratos?

— Porque estamos encarregados de te acompanhar a *ti* — diz o Rato Sábio. — Estamos aqui para te informar, esclarecer, explicar tudo o que vais encontrar. E também para te proteger, em caso de necessidade.

— E eu — exclama o Rato Louco — estou aqui para te fazer rir, dar cambalhotas e para te impedir de levar a sério o velho professor que é o meu irmão!

— Não o oiças, ele é louco! — interrompe o Sábio.

— Não o oiças, vais morrer de tédio! — retruca o Louco.

— Tenho de a ensinar, tu estragas tudo! — responde o Sábio.

— Tenho de a distrair, não compreendes nada! As ideias são divertidas — insiste o Louco.

De repente, Alice repara que os dois irmãos, enquanto gritavam, iam ficando maiores a cada passo. A sua altura ia aumentando proporcionalmente ao tom de voz. Os gémeos, agora quase tão altos como Alice, olham-na envergonhados.

— A argumentação é uma grande ajuda; sem ela, limitar-nos-íamos a dormir — disse o Sábio, só para retomar a conversa.

— La Fontaine, «O Gato e a Raposa», Livro IX, fábula 14, versos 9 e 10 — declara o Canguru, que retirou a devida ficha da sacola.

— Não seria uma frase para se tatuar no antebraço? — pergunta o Rato Louco.

— Como é que sabem? — indigna-se Alice.

— É muito simples, nós sabemos tudo — responde o Rato Sábio, pausadamente.

Alice está siderada. Como é que um rato que ela nunca viu na vida pode estar a par do seu projeto de tatuagem? O plano é absolutamente secreto. Não o partilhou com ninguém, nem sequer com a mãe.

— Vocês sabem tudo? Não posso acreditar.

— Não há que duvidar, é mesmo assim — explica o Rato Sábio.

— Aqui, no País das Ideias, há ideias para tudo, pelo que sabemos tudo.

— Têm uma ideia da minha ideia de me tatuar?

— Naturalmente.

Alice esforça-se por compreender, sem sucesso. A ideia está na sua cabeça, não fora dela. Como poderia estar em simultâneo na sua cabeça e no País das Ideias? E sem que ela o soubesse! E se uma coisa assim pode acontecer, como saberia aquele rato que a ideia era dela, Alice? Mais: antes mesmo de saber que se tratava de uma ideia de Alice, como pode o rato saber o que há naquela ideia, o seu significado, o seu conteúdo?

Não me parece nada claro. Tudo é demasiado vago, pensa Alice.

— Não, não é vago! — exclama o Rato Louco. — Se dizes vago, eu divago.

— Mas eu não disse nada! Como é que sabem o que penso?

— Já te dissemos. É muito simples, sabemos tudo — insiste o Rato Louco.

— Mas então — grita Alice, num repente de iluminação —, se vocês sabem tudo, podem ensinar-me tudo!

— Evidentemente — replicam em coro os Ratos. — É para isso que te vamos dar a conhecer o País. E não só nós. Também há o Canguru e outros, que irás encontrar pelo caminho.

Alice antevê surpresas. Boas ou más?

Os ratos põem-se sérios.

— Antes de viajares connosco, tens de saber várias coisas sobre este País — diz o Sábio.

— Não é como os outros! — acrescenta o Louco.

— Quem é que o habita? — pergunta Alice.

— Pessoas de todas as nacionalidades, de todas as épocas — diz o Sábio. — Vais viajar no tempo, descobrir sociedades diferentes, arquiteturas e sistemas políticos distintos. As ideias não são plantadas em vasos, emergem em ambientes vivos, no meio de situações diversas.

— De facto, toda a gente habita este país — diz o Louco. — Qualquer pessoa mora aqui a partir do momento em que se pergunte onde pode encontrar a verdade, o que fazer para viver bem, como aprender a pensar.

— É um país perigoso? — interroga Alice, inquieta com o que a espera.

Os Ratos não respondem. Alice pergunta-se se ouviram bem a questão. Olham para outro lado, em silêncio.

— É perigoso? — pergunta novamente Alice, num tom mais alto.

— Tudo depende de ti — retruca o Rato Sábio. — No País das Ideias, nenhum perigo vem de fora. Se deixares que más ideias se instalem dentro de ti, podes ser muito infeliz, sofrer ou fazer sofrer, deixar de saber onde estás, perder os pontos de referência.

— Como poderei reconhecer essas más ideias?

— Na verdade, não existem más ideias por si só — responde o Rato Louco. — Elas são más ou boas para alguém. Tens de ser tu a descobrir o que te convém. Uma ideia má para ti pode ser boa para outra pessoa.

— Não o oiças! — protesta o Rato Sábio. — Ela está a disparatar, como sempre! As ideias más são as ideias falsas. As boas são as verdadeiras. Ponto!

— E como reconhecer as verdadeiras? — pergunta Alice, não totalmente tranquilizada.

— É esse o problema! — acentuam os Ratos em coro.

Que história!, pensa Alice. Em resumo: não sei ao certo onde estou nem aonde vou. Este país é habitado por gente de todas as épocas e de todos os continentes, e cabe-me a mim descobrir que ideias são verdadeiras, e me convêm, embora sem saber como. Se me enganar, pode ser perigoso... Apesar de tudo, isto ajudar-me-á a viver! Que imbróglio... Como guias, só tenho duas espécies de...

— De ratos — diz o Rato Sábio. — Não te esqueças de que sabemos o que pensas enquanto o pensas e de forma tão nítida como tu!

Alice sente-se terrivelmente tentada pela aventura, sobretudo se esta lhe oferecer a oportunidade de topar com a famosa frase que procura e talvez com uma possibilidade de descobrir como ajudar melhor o planeta e acautelar o futuro da sua geração. Por outro lado, não sabe no que se está a meter.

— Há um aspeto importante que devemos precisar — anuncia o Rato Sábio.

— Exato — acrescenta o seu irmão, que não sabe o que dizer, mas não consegue ficar calado.

— Estás no país da liberdade! — prossegue o Rato Sábio. — Aqui, ninguém te obrigará a pensar o que não quiseses. No País das Ideias, podes acreditar em tudo, dizer tudo, ousar tudo. Podes pensar que todos os seres humanos são bons ou que são todos maus. Podes dizer que depende do dia ou que não é possível sabê-lo...

— Imagina! — continua o Rato Louco, saltitando em volta de Alice. — Podes ter a ideia de que o mundo não pertence à realidade e que vivemos num sonho! Que a morte é uma lenda! Que nascemos a saber tudo e que nos esquecemos mais tarde! Podes ter a ideia de que as palavras mudam o mundo ou que o mundo muda as palavras! Que somos todos parecidos ou que somos todos diferentes! Podes dizer que o tempo não passa ou que desaparece incessantemente! Podes afirmar tudo! És livre! Compreendes? LI-VRE!

— Com uma CONDIÇÃO! — precisa o seu gémeo. — Uma só condição, mas absolutamente ESSENCIAL!

— Qual? — pergunta Alice.

— É preciso que jus-ti-fi-ques a tua ideia, que possas mostrar por que razão ela é verdadeira e, portanto, que saibas responder àqueles que defendem uma ideia oposta.

— E se não conseguir? — inquieta-se Alice.

— Ora, podes pedir ajuda!

— A quem?

— À Fada!

— Que Fada?

— Aqui, só há uma: a Fada Objeção!

Onde se apresenta uma fada corpulenta

— Alguém me chama?

A voz poderosa, autoritária, faz-se ouvir de longe. Alice vê aproximar-se uma senhora majestosa, com um vestido de veludo vermelho, longos cabelos escuros presos sob um chapéu negro, o busto imponente. A sua cintura deve ser três ou quatro vezes maior do que a de Alice. Por via das dúvidas, lembrando-se das suas leituras de infância, Alice faz uma vénia... Nunca se sabe, pode ser que seja uma rainha. A terrível Rainha Vermelha! Se por acaso fosse tão cruel como a do País das Maravilhas, mais valia manter-se discreta.

— Por favor, Alice, não sou uma rainha! Sou a Fada Objeção, estou aqui para te ajudar! Sem mim, o País das Ideias nem sequer existiria!

— Que quer dizer com isso? — pergunta Alice, que já não estranha que aquela enorme Fada saiba o seu nome, porque começou a compreender que ali tudo é possível.

— Uma ideia nunca existe sozinha — explica a Fada. — Não há «alto» sem «baixo», não há «direita» sem «esquerda», «negativo» sem «positivo», etc. O meu trabalho é lembrar esta dupla face, porque os filósofos e todas as pessoas que se ocupam das ideias têm tendência, uma vez por outra, para o esquecer. Quando temos uma ideia, rapidamente acreditamos que ela é única. Todos os pensadores, pequenos ou grandes, começam um dia a levantar voo. Imaginam que a sua ideia responde a tudo, sem dificuldade, e não encontra nenhum obstáculo. Eu, a Fada Objeção, sou a defensora dos obstáculos! Quando vejo que um pensador está a subir às nuvens, trago-o de volta à terra. «Então, caro homenzinho, julgas que

encontraste a solução para que todo o mundo seja justo? Ora bem, vê, na tua solução há injustiça! Acreditas ter encontrado a chave para a verdade pura? Olha melhor, ainda há erro na tua poção mágica!»

A Fada Objeção solta uma gargalhada.

— Mas não é nada bondoso agir assim — assinala Alice.

— Pelo contrário! É indispensável! — responde a Fada.
— É assim que as ideias vivem, que se mantêm e se reforçam. Na verdade, *todas* as ideias devem encontrar *objeções*. Sem isso, definham. É respondendo ao que as põe em causa que elas são mais bem compreendidas. Não existo apenas para trazer as ideias de volta à terra, mas também para as fazer crescer! Há quem acredite que sou inimiga das ideias, mas nada poderia estar mais longe da verdade. Sou eu quem cuida delas! Tenho este ar de quem chateia toda a gente, de quem semeia confusão, de quem impede as pessoas de pensar tranquilamente. Na verdade, ajudo-as a pensar melhor, com mais precisão e clareza.

— Mas isso provoca disputas — replica Alice.

— E então? — diz a Fada Objeção com um sorriso rasgado.
— No País das Ideias, as disputas são essenciais. É opondo-nos que avançamos! Para ter a certeza, vamos começar por visitar o grande inventor da contradição e das dificuldades. Vou levar-te já a conhecer Sócrates, trata-se da melhor maneira de iniciares a tua viagem. Esse homem inventou um jogo extraordinário: fazer com que entremos em discussão connosco próprios.

— Que loucura é essa? — inquieta-se Alice.

— Uma questão de sabedoria — diz o Rato Louco.

Diário da Alice

Não há forma de compreender por que mistério me encontro neste país onde o tempo parece não existir e os ratos falam. O canguru que sabe tudo tem um ar muito simpático e a fada gorda e de bochechas vermelhas parece rude mas inteligente. Quero mesmo visitar esta terra estranha. Quanto à possibilidade de esta viagem vir a ajudar o planeta, isso, não sei, não acredito muito. Só vendo.

Entretanto, vou continuar a anotar as frases que me interessam.

QUE FRASE PARA A VIDA?

«Amo aquele que sonha com o impossível.» (Goethe, *Fausto II*, Ato II)

Sonhar o impossível é querer mudar o mundo. A paz mundial parece impossível, a justiça universal também, a liberdade geral não lhes fica atrás. Sem esquecer o amor por todos, a igualdade de cada uma e cada um, o respeito pela Terra e pelos animais. É precisamente porque isto parece impossível que é preciso lutar sem nos resignarmos e, portanto, amar quem sonha estes sonhos.

A Fada indicou-me que esta frase levanta dois problemas: o do possível e do impossível, e o dos sonhos. A mudança parece impossível, quando na realidade é realizável. Mark Twain dizia, explicou-me a Fada: «Eles fizeram-no, porque não sabiam que era impossível.» Neste caso, o sonho é visto como uma força motriz, uma força capaz de transformar a realidade.

A situação é muito diferente quando «impossível» significa «absolutamente irrealizável». Imaginemos, por exemplo, propôs-me a Fada, uma pessoa que sonha ir a pé até à Lua.

É irrealizável, exceto na imaginação. Podemos gostar da fábula, mas seria estúpido acreditar realmente nela e trabalhar para a tornar realidade. Nesse caso, não se deve amar quem sonha o impossível. Tal pessoa engana-se a si própria e aos outros. Tem talento para a objeção, esta Fada!

PRIMEIRA PARTE

Onde Alice descobre
os primeiros filósofos gregos
e a maneira de examinarem
as ideias

A Fada Objeção toma a palavra

— Antes da nossa partida, devo-te um último esclarecimento. Vamos começar pelos tempos mais antigos: o nascimento da filosofia e da vida das ideias. Para que compreendas melhor, naturalmente, mas também porque essas ideias não desapareceram no decurso de milénios. Permanecem ativas, são revisitadas e discutidas ainda hoje.

»Estes pensamentos fundadores desenvolveram-se em mundos onde a mudança era lenta. Na Grécia antiga, entre os Romanos e os Hebreus, na Índia antiga e na China, as pessoas viviam como os seus pais e esperavam, por seu turno, que os filhos vivessem como elas. Claro que havia desenvolvimentos nos transportes, na agricultura, nas ferramentas e no comércio, mas de forma tão gradual que não eram visíveis. O mundo parecia fixo. Por vezes, eram inventadas novas ideias, mas sem imaginar que tudo mudaria de um dia para o outro. A verdade, como as estrelas, permanecia sempre no mesmo sítio. Ou quase.

»Surpreende-te com tudo, mas nada temas! Vais descobrir cidades, línguas e modos de vida que não são os teus. Deparares-te com concepções opostas da verdade, da vida que os humanos devem levar, do exercício da autoridade e até da morte. Encontrar-te-ás perante ideias filosóficas, religiosas e espirituais que não estão de acordo entre si. Estarás diante de filósofos célebres que se opõem uns aos outros.

»Não te deixes desencorajar ante a primeira contradição! Sê paciente. Com a nossa ajuda, vais traçar o teu caminho entre estes mundos, tenho a certeza.

»Já falei o bastante, chegou a hora de mudarmos de ares. Rumo a Atenas, século V antes de Cristo.

No mercado com Sócrates

As ruas são um verdadeiro labirinto! Alice nunca fez tantos desvios para ir a algum lado. Aos pés da Acrópole, dominada pelas colunas do Pártenon, Atenas é um amontoado de casas, de jardimzinhos, de cisternas, de mercadoria amontoadas. Entre os edifícios, o espaço para circular é tão estreito, que a Fada Objeção, com as suas ancas largas, mal cabe. Está determinada a ser ela a apresentar Alice a Sócrates.

— É uma questão de princípio! — declara com a sua voz imponente. — Há que começar pelo princípio. E o princípio, Alice, é ele!

— O princípio de quê?

— Da filosofia.

— Não havia filósofos antes de Sócrates?

— É difícil dizer. Se te responder que não e disser que ele foi o primeiro, terei de objetar!

— Que quer dizer com isso?

— Na Grécia, várias gerações antes de Sócrates, pensadores houve que começaram a querer explicar o mundo de outra forma que não através dos mitos e dos poderes dos deuses. Chamavam-se Pitágoras, Tales...

— Como os teoremas?

— Sim, esses teoremas carregam o seu nome, porque foram eles que os demonstraram. O projeto de ambos era encontrar uma explicação lógica para a existência da Terra, dos animais, dos seres humanos e para o funcionamento do todo, a que chamavam *cosmos*. Outros pensadores, antes de Sócrates, trabalharam também nessa explicação. Chamavam-se Heraclito, Empédocles, Parménides. As suas

respostas divergem, mas eles partilham o mesmo projeto: construir um conhecimento sólido da realidade, unicamente com a ajuda da reflexão e do raciocínio sem acreditar nas crenças habituais...

— Cientistas, bem vistas as coisas...

— Bem pensado, Alice! Pelo menos em parte, porque para eles não havia divisão entre cientistas, filósofos, sábios e profetas. Estes primeiros pensadores eram indissociavelmente homens do conhecimento e da sabedoria. Na sua língua, o grego antigo, a palavra *sophos* significa, quer «erudito», quer «sábio». Quem possui um conhecimento verdadeiro vê-se transformado moralmente pelo que sabe, o que lhe permite transformar os outros e influenciar os acontecimentos.

— Portanto, são mais como gurus, se bem entendi!

— Sim, em parte. Estes pensadores são simultaneamente matemáticos e poetas, físicos e adivinhos, moralistas e médicos, diplomatas e curandeiros. A lenda atribui-lhes, por exemplo, o poder de falar com os animais, como acontece com Pitágoras, o inventor do teorema dos triângulos, ou de curar doenças através do canto, como se dizia de Empédocles. As suas capacidades estendiam-se da medicina à vida política, do governo dos homens às leis da natureza. Muitas vezes, impunham regras rigorosas aos seus discípulos. Por exemplo, os discípulos de Pitágoras, para serem admitidos no grupo, não podiam comer carne, tinham de se vestir de forma simples e não falar durante um ano.

— Isso faz lembrar uma seita! Eram veganos?

— Pitágoras, sim. Seitas? Não propriamente. Estas escolas que existiam antes de Sócrates eram comunidades que partilhavam as mesmas ideias e modos de vida.

— E o que é que mudou com Sócrates?

— Não tudo, o vínculo entre as ideias e o modo de vida permaneceu. Mas a conceção do «sábio erudito» transformou-se completamente. Começou por desaparecer.

— Como assim?

— Antes, havia «sábios», homens que possuíam respostas. Com Sócrates, já só existem «aqueles que procuram a sabedoria».

Os sábios possuem os poderes ligados aos seus conhecimentos, *detêm* verdades. Os que procuram a sabedoria encontram-se apenas *em busca* da verdade. É o que quer dizer a palavra «filó-sofos»: os que amam a sabedoria, que a desejam e a procuram, precisamente porque não a possuem e não estão certos de a conseguir encontrar. Do lado dos sábios, o conhecimento. Do lado dos filósofos, a ignorância. Eis o novo trabalho inventado por Sócrates: fazer aparecer primeiro a ignorância para começar a procurar a verdade, tomar consciência de que não sabemos para nos pormos a refletir.

— E como é que ele teve essa ideia?

— Ele próprio to dirá. Já chegámos.

A Fada desvia com toda a sua corpulência um camponês que vende cebolas numa esquina, antes de se esquivar à justa de um burro a carregar azeitonas. Alice quase tropeça numa pedra. Os transeuntes olham-nas com uma expressão divertida. Chegam finalmente a uma pequena praça com um mercado. Ali se vendem casacos de lã, tapetes de pele de ovelha, pequenos candeeiros a óleo de terracota, fruta e legumes. Um homem grisalho, maltrapilho, circula atentamente entre as bancas com um sorriso nos lábios.

— Tantas coisas de que não preciso! — murmura por fim.

Alice está surpreendida. Agradavelmente. Eis um adulto que não se interessa exclusivamente pelo consumo! E, no entanto, aquele pequeno mercado não é um depósito de objetos inúteis, de novidades sem necessidade, de invenções estúpidas. De facto, murmura a Fada, Sócrates só se interessa pelo indispensável. Um velho casaco basta-lhe para não sentir frio e traz sandálias de pele, mesmo perante a neve de inverno. O que lhe importa, acima de tudo, são as ideias. Porque a vida, boa ou má, depende delas.

Tinham-na avisado: Sócrates não é bonito. Pior: é profundamente feio. Um corpo curvado, uma cabeça enorme, olhos redondos e protuberantes, nariz achatado, dentes manchados... *Desde que seja bonito por dentro*, pensa Alice.

— Ora, és tu a jovem de que me falaram? — pergunta Sócrates.

— Então, *sabe* que estou aqui. Disseram-me que afirmava nada saber. Ao menos sabe isso!

— Já estás a tentar provocar-me? Claro que sei isso, tal como sei falar, andar, respirar. Também sei esculpir pedra, o meu primeiro ofício, e servir-me de uma lança e de um escudo, visto que já estive na guerra. Acrescento que também sei acender uma fogueira, depenar uma galinha, preparar sopa rica com pão, e uma série de outras coisas! Não é a isso que me refiro quando digo que só sei que nada sei.

— Por favor, explique-me!

— Fiquei muito surpreendido quando o oráculo de Delfos declarou, não há muito tempo, que eu era o mais sábio!

O Canguru desliza uma pequena ficha sob o nariz de Alice:

No templo de Apolo, em Delfos, a sacerdotisa, a quem chamavam Pítia, respondia às perguntas dos peregrinos de uma forma muitas vezes difícil de entender. Estas respostas eram consideradas inspiradas pelo próprio deus. À pergunta «Quem é o homem mais sábio?», teria respondido: «Sócrates.»

— Ouvir dizer aquilo de mim — prossegue Sócrates —, que não estudei, que não tive contacto com grandes mestres, pareceu-me uma pilhéria. Então, fui ter com as pessoas conhecidas como sábias, que diziam deter um saber, e fiz-lhes perguntas, é assim que funciono. Fiquei muito surpreendido...

— Com o quê?

— Com a constatação de que não sabiam verdadeiramente o que afirmavam conhecer. Por exemplo, ao discutir com Laques, um grande militar, rapidamente me dei conta de que ele não sabia o que era a coragem. Declarava que a coragem consiste em não ter medo. Mas, quando sentimos medo e ultrapassamos o nosso temor, não somos corajosos? Eis a pergunta que lhe fiz. Viu-se obrigado a reconhecer o seu erro. Imaginava saber, quando, de facto, não conhecia verdadeiramente a ideia de coragem.

»Podia dar-te uma série de outros exemplos. Ao questionar Hípias, um orador célebre que se vangloriava de tudo saber e de poder falar de tudo, obtive o mesmo resultado. Perguntei-lhe se sabia o que é a beleza. Ele respondeu que sim, evidentemente, e começou a elaborar uma lista de coisas que julga belas: um vaso, uma égua, uma jovem... Apesar de tudo, mostrou-se incapaz de definir a *ideia* de beleza, quando ela é absolutamente necessária para que saibamos o que acrescentar à nossa lista! Compreendes? Para afirmarmos que uma coisa é bela ou não, há que ter uma ideia da beleza, ser capaz de a definir! Aquele pretensioso não foi capaz de definir a sua ideia de beleza!

— Imagino que não tenha ficado contente!

— Ficou furioso, como todas as pessoas a quem demonstrei que não sabiam, na realidade, aquilo que julgavam saber. Porém, se houvessem sido mais lúcidas, ter-me-iam agradecido! Livrei-as de uma ilusão, libertei-as de um falso saber, permiti-lhes que procurassem a ideia verdadeira que lhes falta.

A Fada Objeção, até então em silêncio, intervém:

— Tu destabilizas aqueles que questionas! Estão a mostrar o que sabem e, de repente, por causa das tuas perguntas, apercebem-se de que aquilo que estão a dizer não faz sentido. Portanto, sentem-se ridículas. Não admira que se zanguem contigo!

— Tens razão, Fada — responde Sócrates. — Constató essa raiva contra mim, e compreendo-a. Mas semelhante agastamento parece-me superficial. Sabes como certas pessoas me apodaram?

— Diz-me!

— Torpedo, como o peixe...

— Aquele que paralisa com uma descarga elétrica quem lhe toca?

— Exatamente! Por isso, a tua objeção não me surpreende, querida Fada. As pessoas ficam muitas vezes estupefactas com as minhas perguntas. Mas continuo a defender que essa estupefação não é o mais importante. O que importa é que as pessoas com quem falo sejam libertadas dos seus falsos saberes. Porque não há nada pior do que o falso saber.

— Porquê? — inquieta-se Alice.

Sócrates senta-se à beira de um poço. Alice imita-o. A Fada prefere ficar de pé, apoiada no muro baixo. À medida que a noite se aproxima, os transeuntes vão diminuindo. Sócrates, esse, tem todo o tempo do mundo. Os seus grandes olhos contemplam Alice com imensa doçura.

— Vou responder à tua pergunta, querida desconhecida. Ou melhor, vais responder tu, com a minha ajuda. É assim que faço as coisas. Perguntaste-me porque é que os falsos saberes são o que há de pior, correto?

— Sim.

— Quando já sabemos as horas, consultamos um relógio?

— Não, claro.

— Quando sabes as horas certas, podes chegar a tempo, não estar adiantada nem atrasada, não é?

— Exatamente.

— E se te enganares, se tiveres em mente uma hora que não está certa, o que vai acontecer?

— Não vai acontecer nada, vou chegar atrasada ou adiantada.

— Mas, se não souberes que a hora que pensas ser a certa não é a hora certa, vais tentar saber a hora certa?

— Claro que não!

— Ora, aí está. Respondeste à tua pergunta. Julgas saber a hora certa, pelo que não procuras descobri-la. Mas, se aquilo que acreditas ser verdade for, de facto, falso, então, nada funciona. E como ignoras o teu erro, não podes libertar-te dele. É por isso que os falsos saberes são o que há de pior!

Alice cala-se, reflete. Quer ter a certeza de que compreendeu bem.

— Os falsos saberes são como as paredes de uma prisão? — diz ela, ao cabo de um instante.

— Exatamente — responde Sócrates. — Da pior prisão de todas, uma prisão que nem sequer sabes que existe.

Alice fecha os olhos, respira fundo, concentra-se e entrelaça as mãos. Tem a impressão de que tudo lhe gira a grande velocidade

no crânio, como o tambor de uma máquina de lavar na fase de centrifugação.

— Então, o seu trabalho, Sócrates, é demolir prisões invisíveis?

— Minha jovem, falas como uma deusa! Sim, é uma boa imagem. Mal esse falso saber é demolido, deparamo-nos com a nossa ignorância, mas, desta volta, sabendo que ignoramos, o que faz toda a diferença. Aposto que já compreendeste porquê...

— Sim, porque... espere... cientes de que não sabemos, procuramos saber?

— Perfeito! Saber que não sabemos é a condição inicial. Vês outra?

— Não, não vejo.

— Examinar as ideias uma por uma é igualmente indispensável. É preciso ver se elas estão bem construídas ou mal organizadas.

— Como é que o fazemos?

— A minha mãe era parteira, ajudava nos partos. Tenho por hábito dizer que exerço o mesmo ofício. Ela ajudava a tirar os bebés do ventre das mulheres, eu ajudo as ideias a saírem da cabeça dos meus interlocutores.

Alice sente um sopro junto do ouvido e uma voz murmurar:

— É o que chamamos a «maiêutica» de Sócrates. A palavra está relacionada com a obstetrícia. É mencionada num diálogo intitulado *Teeteto*, no qual Platão nos apresenta Sócrates em conversa com um jovem matemático...

— Cala-te, Izgourpa! Estou a ouvir...

O Canguru arruma a ficha e cala-se, com um ar pesaroso.

— Nessa comparação — continua Sócrates —, esquecemo-nos frequentemente de um aspeto essencial.

— Qual? Diga-me — pede Alice, febril.

— Temo chocar-te. Aqui, os hábitos não são iguais aos teus. As condições de vida são difíceis, muitos recém-nascidos não resistem ao frio, às doenças, às febres. Só os mais fortes sobrevivem aos primeiros meses. Para saber se são resistentes, as parteiras como a minha mãe põem-nos à prova. Agarram-nos pelos pés, abanam-nos, mergulham-nos em água fria. Os mais frágeis morrem logo.

Isto parece-te cruel, desumano, bem sei. É uma outra sociedade, com modos de agir diferentes...

— Porque me conta esses horrores?

— Para te mostrar que uma parte da comparação entre o meu trabalho e o das parteiras permanece incompreendida. Não me contento com ajudar as ideias a saírem da cabeça dos outros! Testo-as, ponho-as à prova para ver se são robustas ou demasiado frágeis para sobreviver. Também eu abano essas ideias, ponho-as de cabeça para baixo a fim de constatar se são coerentes ou se contêm contradições que as tornam incapazes de sobreviver.

— E para que serve isso?

— Para viver.

— Para viver? Preciso que me explique melhor!

— Não é complicado. O objetivo é separar as ideias ilusórias daquelas que têm conteúdo. Porém, este exame deve ser um processo contínuo, abrangendo todas as ideias que descobrimos, mas também as decisões que tomamos, os juízos que fazemos sobre o que nos acontece. Todas as ideias estão sempre em jogo, sejam elas ilusórias ou sólidas. É por isso que podemos tornar-nos melhores, ao examinar as ideias que nos sustentam.

Um murmúrio faz-se ouvir de novo:

— Sócrates disse-o no decurso do seu processo: «A vida não examinada não vale a pena ser vivida.» A frase é narrada por Platão na *Apologia de Sócrates*.

Aquilo provoca um clique na cabeça de Alice: *Tenho vontade de tatuar essas palavras no antebraço, pensa. Assim, lembrar-me-ia sempre de examinar os meus atos, as ideias que tenho, as escolhas que faço...*

— Desculpe — retoma Alice —, não tenho a certeza de ter compreendido. Tornarmo-nos melhores, disse, mas melhores *em quê?*

— Não se trata de nos tornarmos melhores na dança, na corrida, na luta, no cálculo ou em gramática, mas tornarmo-nos mais humanos, mais conformes à nossa natureza e ao nosso lugar no mundo. Se vivermos seguindo unicamente os nossos desejos, satisfazendo os nossos apetites, sem distinção, sem reflexão, tornamo-nos injustos. Olha os tiranos. Assassnam e traem para chegar ao poder.

Quando o detêm, continuam a liquidar os adversários, a enriquecer desviando o dinheiro público, a assenhorear-se dos bens dos outros. Violam, torturam, degredam a seu bel-prazer, sem serem perseguidos, porque têm a polícia e os tribunais dominados. Se refletissem, não se comportariam assim.

— Porquê? Esses indivíduos malvados são felizes a dominar. A reflexão não mudaria nada...

— Pelo contrário! Estou convencido de que a reflexão pode transformar tudo. Essas pessoas que apodas de «malvadas» não são demónios, apenas ignorantes. Como toda a gente, querem o bem, mas enganam-se em relação ao que é o bem: acreditam que corresponde ao seu prazer, à sua dominação e ao poder pessoal. Ignoram que o verdadeiro bem diz respeito à ordem do mundo, às relações entre os seres humanos, às relações entre os animais, os homens e os deuses.

— Acredita mesmo que, refletindo mais, eles podem deixar de ser maus?

— Tenho a certeza. Por uma simples razão: eles querem ser felizes, como todos os seres humanos, e os injustos não podem ser felizes.

— E, no entanto, há tiranos felizes! Podem fazer o que quiserem e nunca serão castigados!

— Também o vejo, assim como tu: assassinos a viver em palácios sumptuosos, carrascos a levar uma vida de luxo, criminosos a morrer de velhos nas suas camas... Mas isso é apenas um lado da realidade. Estou convencido de que existe uma outra realidade, onde a ideia do bem e a ideia da injustiça se revelam incompatíveis. Apenas o homem justo pode ser feliz, mesmo que não tenha dinheiro nem possua um palácio sumptuoso, porque o seu espírito está ordenado. O espírito dos injustos está desordenado, inchado, caótico, desorganizado. Por este motivo, defendo que mais vale ser vítima do que carrasco...

— Mas que loucura! Não é possível que seja melhor ser vítima!

— Claro que sim. É a conclusão inevitável de um exame conduzido com a ajuda da razão.

— Gostaria que me explicasse melhor...

— Se ficares no mundo dos factos, das coisas, dos corpos, podes constatar, efetivamente, que o carrasco ganha. A vítima é espancada, contorce-se de dor e acaba por morrer. No mundo dos factos, a vítima perdeu. A vitória é do carrasco, que não é ferido nem morto e regressa a casa para continuar a viver confortavelmente. Mas existe um outro plano de realidade, o da ideia de justiça e da ideia de bem. Neste nível de valores, o carrasco perde para sempre: a vítima vence para sempre.

Alice fica sem palavras, em choque. Por um lado, pressente que Sócrates tem razão. Sim, percebe-o, as vítimas são mais dignas, mais humanas, mais respeitáveis do que os carrascos, que são impiedosos, desumanos e indignos. Ainda assim, dizer que as vítimas ganham, que o seu destino é preferível, que é melhor ser uma delas, Alice tem dificuldade em admiti-lo. Sente que é verdade, mas não consegue concordar plenamente.

Prepara-se para fazer mais perguntas, mas Sócrates desapareceu! Dissipou-se, desvaneceu-se, volatilizou-se tão rapidamente como uma bolha de sabão. No parapeito do poço já não há vestígios do homem encurvado, de cabelos brancos! Em redor, nada se mexera. As ruelas, o mercado, os transeuntes, o Canguru, tudo permanece no mesmo sítio. Mas Sócrates já ali não está. Alice sentiu-se atónita.

— Escondi-o, já chega — resmunga a Fada Objeção. — Quando o ouvimos demasiado tempo, deixamo-nos enrolar e depois não há meio de nos soltarmos.

— Mas... se ele diz a verdade, porque nos devemos soltar?

— A verdade não é divertida! É sempre a mesma coisa, é muito chata — começa a cantarolar o Rato Louco.

— Olha — exclama Alice —, vocês, Ratos, estão aqui?

— Sempre aqui estivemos, acontece que ficámos pequeninos, nem sequer deste por nós.

— Ainda assim — prossegue Alice, dirigindo-se à Fada —, acho que está a exagerar! Gostaria muito de continuar a falar com Sócrates. É muito interessante o que ele diz.

— Nada te impede de continuar.

— Como? Lendo o que escreveu?

O Canguru coça o pescoço, fazendo um barulho tímido, e começa a falar com uma voz de quem não quer incomodar.

— Há um problema. Sócrates não escreveu nada. Limitou-se a falar, perguntar, questionar, dialogar. Não deixou uma única obra, um só texto, um livrinho que fosse.

— Mas então, como é que sabemos o que ele disse? — pergunta Alice.

— Pelos que escreveram a contar como ele agia, discípulos como Xenofonte, que seguiram as suas conversas, testemunhas que o escutaram. A principal de entre elas é Platão. Tinha vinte anos quando conheceu Sócrates, e isso mudou o rumo da sua vida. Ao invés de se tornar chefe de exército ou estadista, conforme o destinava o seu nascimento numa proeminente família de Atenas, esse jovem aristocrata tornou-se filósofo e escritor. Retratou o seu mestre Sócrates em inúmeros diálogos, escritos como se fossem peças de teatro.

— Quero lê-los! — exclama Alice, curiosa.

— Recomendo! — aprova o Canguru. — Não há decerto nada mais divertido, inteligente e estimulante do que os diálogos de Platão. São uma festa, palavra de Canguru, uma comédia com personagens variadas, pilhérias, momentos trágicos, histórias de amor, explicações científicas, acessos de raiva, poesia... É genial! Aliás, é esse o problema...

— Que queres dizer, meu Canguru?

— Sendo Platão um génio, é muitas vezes difícil confiar nele para saber o que Sócrates disse mesmo. Ele faz do seu mestre a personagem central dos diálogos que escreve, mas reinventa-o. Como Platão escreveu e refletiu toda a vida, acabou por fazer de Sócrates uma personagem que expõe as ideias... de Platão! De facto, o mistério de Sócrates continuou a existir ao longo dos séculos.

— Porque é que ele não escreveu nada?

— É difícil dizer com certeza. O mais provável é que só confiasse no diálogo vivo, nas interações entre os espíritos. Os textos não respondem a quem os interroga, não podem ajustar-se em função dos interlocutores, como faz um espírito vivo ao falar. Além

disso, não foi o único a transformar o mundo apenas falando. Na época de Sócrates, vivia na Ásia um outro homem a quem chamamos Buda. Também ele nunca escreveu. E a sua palavra mudou uma grande parte da história da humanidade. Um pouco mais tarde, Jesus também não deixou nenhum texto, limitando-se a falar. Sócrates, Buda e Cristo transformaram a história sem que tivessem escrito. Foram os seus discípulos ou alunos que narraram as suas ideias após a morte deles.

— Como é que Sócrates morreu?

— Pergunta à Fada — diz o Canguru —, que já está impaciente.

A Fada ficou mais vermelha do que o vestido. Parecia estar a ferver.

— Está zangada? — pergunta-lhe Alice.

— Este Canguru é muito simpático, mas acha que é preciso explicar tudo, comentar tudo, verificar tudo. Vê o mundo através de uma biblioteca. Na vida dele só há livros! As ideias também andam na rua, nas conversas, nas peças de teatro, nas assembleias políticas, nos tribunais... em todo o lado onde discutimos, onde nos sentimos arrebatados!

— Acredito em si — diz Alice, esforçando-se por acalmar a Fada —, mas diga-me como morreu Sócrates.

— Anda! Vais ver por ti.

QUE FRASE PARA A VIDA?

**«A vida não examinada não vale a pena ser vivida.»
(Platão, *Apologia de Sócrates*)**

Acabo de ouvir Sócrates pronunciar esta frase. Quero anotá-la já, porque me perturba. Corresponde ao que sinto em mim de mais forte e mais frágil. Uma vida que se estende mecanicamente, sem refletir no que é, não tem qualquer interesse. Tudo se encadeia, respiramos, comemos, dormimos, acordamos, recomeçamos... sem pensar nisso, sem atentar no que fazemos, sem procurar o sentido que pode ter.

Essa vida não é uma vida. Quero dizer: não uma vida verdadeira, uma vida humana. Trata-se de uma existência de vegetal, uma sobrevivência em coma. Humanos, em certos hospitais, são mantidos vivos durante semanas, meses, anos, sem ter consciência de nada. Alimentados por sondas, ventilados por tubos, sobrevivem adormecidos, sem sonhos, nem pensamentos, incapazes de examinar o que lhes acontece.

Não critico o que os médicos fazem! Quero apenas dizer que, se estivermos constantemente assim, sem poder refletir acerca do que nos acontece, não estamos a viver. Viver é começar a olhar para o que fazemos, para o que nos fazem, para o que queremos fazer.

«Examina o que quer dizer “examinada”», sussurrou-me o Rato Louco. Não o compreendi logo. Achei que estava a brincar, mas não, de todo, e é engraçado. Porque nesta frase de Sócrates, «uma vida não examinada» não pode querer só dizer uma vida não «contemplada» ou «observada». Trata-se de uma vida julgada, interrogada ativamente, a fim de ser melhorada.

Quando lhe disse isso, a Fada concordou: esse exame não se limita a uma descrição. Examinamos o que vivemos para compreender, para procurar o que está bem e o que não está, para mudar o que deve ser mudado.

«E sempre!», acrescentou o Rato Sábio. Não tinha pensado nisso. Mas é verdade, o exame é permanente. Caso contrário, voltamos a cair na vida vegetal... Não consigo acreditar.

Um livro apaixonante que nos devolve a ideia de que pensamento e liberdade serão sempre duas faces da mesma moeda

Alice, curiosa e ansiosa, é uma jovem do seu tempo: inquietam-na as alterações climáticas e o futuro da Humanidade. Procura referências para agir, um lema que a oriente.

Atravessando séculos e civilizações à procura de respostas, Alice embarca numa fascinante viagem pelo País das Ideias: dialoga com Sócrates e entra na caverna de Platão, escuta Buda, conhece Montaigne, Descartes, Voltaire e Nietzsche, e deita-se no divã de Freud. A cada novo encontro, toma consciência que as ideias, longe de serem conceitos estéreis e separados de nós, são o que nos permite compreender o mundo e mudá-lo.

Da Roma antiga à Viena do início do século XX, de Platão a Confúcio, *Alice no País das Ideias* não é apenas uma aventura intemporal pela história do pensamento: num mundo cada vez mais polarizado, é um convite à reflexão, uma ode à dúvida e à liberdade de pensar — e à liberdade de mudar de ideias.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f editoraobjectiva

@ penguinlivros

ISBN: 978-989-583-668-0



9 789895 836680